

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA: FILOSOFIA E POESIA DA SAUDADE

Manuel Cândido Pimentel

Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
(351) 217 214 000| info@reitoria.ucp.pt

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre a filosofia e a poesia da saudade na obra de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: pensamento português, saudade, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the philosophy and poetry of saudade in the work of António Braz Teixeira.

Key words: Portuguese thought, saudade, António Braz Teixeira

Introdução

A já clássica antologia sobre filosofia da saudade, organizada por Afonso Botelho e António Braz Teixeira, dada à estampa pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 1986 (BOTELHO e TEIXEIRA, 1986), constituiu, à data da sua publicação, um acontecimento cultural inegável por ter revelado e posto ao alcance do público textos fundamentais e figuras de relevo da reflexão filosófica sobre a saudade. Na «Nota introdutória» à obra, os compiladores justificam o título *Filosofia da Saudade* como uma opção clara que afasta «obras de natureza exclusivamente literária ou exemplos da abundantíssima poesia saudosa, que é, sem dúvida, a expressão mais espontânea do sentimento lusíada» (BOTELHO e TEIXEIRA, 1986, p. 7). Ao anunciarem a intenção de reunir textos de filosofia, implicitamente reconheciam a existência de uma filosofia da saudade ou de um pensamento que historicamente, desde o rei D. Duarte, sob modos diversos de abordagem e segundo os diferentes autores, tomou por objeto reflexivo o sentimento da saudade, de há muito expresso poeticamente.

O lugar cimeiro que esta antologia ocupa no quadro da historiografia filosófica da saudade, se favorecia a ideia de que uma especulação filosófica havia, desde tempos remotos, sobre o sentimento de saudade, carecia, no entanto, de uma adequada investigação que, historiando pensadores, movimentos, ciclos ideativos e doutrinas, impusesse o rasgo de uma história da filosofia da saudade, um *corpus* que reverberasse a ideia de uma tradição especulativa, de um conjunto de temas e comuns preocupações suscetíveis de configurar uma problemática filosófica, um núcleo capaz de receber o adequado nome de *filosofia da saudade*. Seria necessário esperar duas décadas para que tal empresa se verificasse no título *A Filosofia da Saudade* de António Braz Teixeira, publicado em 2006 (TEIXEIRA, 2006), e onde o seu autor traça eximamente o perfil filosófico da saudade e a história reflexiva deste sentimento, abundantemente confirmado em fontes historiográficas que se iniciam no duartino *Leal Conselheiro* e desaguam em recentes gerações, no século XXI.

Na verdade, o compilador da celebrada antologia da saudade de 1986 tornou-se o primeiro historiador da filosofia da saudade, num trabalho pioneiro que, hoje, tende a minar os argumentos dos que ceticamente visaram o sentimento da saudade como insuscetível de ser objeto especulativo do pensamento e, portanto, de poder garantir a filosofia.

É este trabalho pioneiro que vamos considerar aqui.

A filosofia e a poesia da saudade

O interesse de António Braz Teixeira pela saudade está confirmado em 1986, não só por aquela antologia e pelo convívio com Afonso Botelho, um dos mais reputados exegetas e filósofo da saudade, mas também pelo seu «Criacionismo e saudade no pensamento filosófico de Leonardo Coimbra», que compôs naquele ano e que apresentou ao colóquio comemorativo do cinquentenário da morte do autor de *O Criacionismo*, organizado pela Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, que posteriormente integrou em *Deus, o Mal e a Saudade*, de 1993 (TEIXEIRA, 1993b, p. 133-140), a primeira obra onde abordou de uma forma mais sistemática a filosofia da saudade, enunciando-lhe temas, problemas e analisando algumas das suas principais figuras especulativas, onde encontramos uma substancial «Introdução à filosofia da saudade» (TEIXEIRA, 1993, p. 117-132), seguida do citado ensaio sobre Leonardo Coimbra e de um outro sobre «António Dias de Magalhães, S. J., poeta-filósofo da saudade» (TEIXEIRA, 1993a, p. 141-151).

É o núcleo primitivo daqueles três textos, que compreende a segunda parte de *Deus, o Mal e a Saudade*, que estará na origem da concepção da obra *A Filosofia da Saudade*, recebendo-os esta com modificações, adequados que são ao novo projeto. O intuito de deixar expresso a filosofia da saudade ultrapassa, porém, as motivações iniciais daquele núcleo, já que no novo livro se mostra o autor mais firme nas suas convicções filosóficas e historiográficas, abraçando uma visão histórica alargada e mais complexa da vida especulativa da saudade, que vai dos seus fundadores, D. Duarte, D. Francisco Manuel de Melo, Silvestre Pinheiro Ferreira e Almeida Garrett, até à análise dos rumos filosóficos da saudade no Portugal dos séculos XX e XXI, na Galiza e no Brasil, isto é, de Teixeira de Pascoaes a Andrés Torres Queiruga e Miguel Reale.

A saudade, considerada como objeto da filosofia, põe um problema que diretamente tem a ver com a forma como nos posicionamos relativamente à filosofia. Uma filosofia estritamente racionalista, por exemplo, atreita a excluir das suas órbitas de abstração a mais subterrânea afetividade, dificilmente aceitará o sentimento como um outro da razão, com que a razão poderá dialogar e até noética e discursivamente integrar, atendendo à sua riqueza de motivos. A filosofia da saudade enquanto tal excede o domínio estreito do racionalismo e do logicismo para aceitar, ôntica e ontologicamente, a verdade do sentimento. Dizê-lo é em rigor afirmar em toda a nudez o repto da paixão, da emoção, da comoção, da sensibilidade, do afeto, como vias

possíveis para a auscultação do ser, que também se diz segundo a inteligência emotiva e senciente e segundo a poesia e o poético.

Há uma afirmação na citada «Nota introdutória» à antologia de 1986 em que António Braz Teixeira, com Afonso Botelho, sublinha a consciência que tem da natureza da filosofia. Aí se declara «suficientemente fundamentada a asserção de que não é possível excluir o sentimento do pensamento filosófico, o que equivale a aceitar a inexistência de fronteiras nítidas entre a poesia e a filosofia dos portugueses» (BOTELHO e TEIXEIRA, 1986, p. 7).

António Braz Teixeira vem a reconhecer igualmente em *A Filosofia da Saudade* que a filosofia não pode deixar nem de incluir o sentimento nem de falar poeticamente. Esta constatação pode historicamente fazer-se na obra de Pascoaes. De facto, neste, os filosofemas poéticos buscam ou procuram a sua ideação filosófica. Também é possível hermenêuticamente acercar-nos dos poetas para neles interrogarmos a visão filosófica ou as ideias que um dia poderão florir na especulação dos filósofos, como, aliás, vem a propor o nosso pensador ao dedicar-se ao universo poético lusófono, aí procurando dar conta da vivência saudosa na poesia de Angola, Moçambique e Cabo Verde. São exemplos desta hermenêutica «Expressão e sentido da saudade na poesia angolana» (TEIXEIRA, 2004, p. 15-170), «Expressão e sentido da saudade na poesia moçambicana contemporânea» (TEIXEIRA, 2008, p. 41-62) e «Expressão e sentido da saudade na poesia angolana e moçambicana da geração de 1985» (TEIXEIRA, 2017). A este conjunto se deve juntar «A saudade na poesia da “Claridade”» (TEIXEIRA 2012a, p. 164-167), «Breve nota sobre a poesia de Rui de Noronha» (TEIXEIRA, 2012b, p. 186) e «A saudade na poesia de Rui Knopfli» (TEIXEIRA, 2015, p. 201-206).

A aproximação de António Braz Teixeira à poesia faz-se de um modo interessado. Não é o do crítico literário mas o do filósofo. Como ele próprio escreve, o seu intento «é de natureza filosófica e não literária ou histórico-literária», motivo por que não procura deter-se «em problemas de escolas ou de reais ou pretensas influências literárias» (TEIXEIRA, 2004, p. 160), evitando ainda pronunciar-se sobre a identidade das literaturas, ou, por exemplo, sobre a angolanidade ou a criouliidade deste ou daquele autor (TEIXEIRA, 2004, p. 160). Interessa-lhe fundamentalmente ater-se «àquilo que a contemporânea reflexão luso-galaica tem concluído constituir a essencial problemática filosófica da saudade» (TEIXEIRA, 2004, p. 160). A clave hermenêutica é, pois, a saudade, de que inquire a expressão e o sentido na poesia, isto é, saber como na literatura poética se vem exprimir a saudade, com o intuito de «perscrutar a visão, ou

visões, do sentimento saudoso que nela se manifesta, surpreender as suas eventuais virtualidades especulativas» (TEIXEIRA, 2008, p. 41) e o em que, porventura, diferem as literaturas quanto às «formas de experienciar a saudade» (TEIXEIRA, 2008, p. 41).

A teoria da saudade

Socorrendo-se de uma terminologia que acusa na raiz a influência do seu mestre José Marinho, a tarefa hermenêutica de António Braz Teixeira pretende, no universo poético, determinar ou explicitar a *teoria da saudade* que lhe está implícita. É este o escopo da atitude hermenêutica do mundo da poesia, chegar a vislumbrar essa «teoria», «atribuindo aqui ao termo “teoria” o seu sentido tradicional de *visão especulativa* ou *visão do invisível*, a que é dada, em instantânea aparição, aos olhos do espírito, a de que parte e a que sempre regressa a interrogação filosófica, a que impulsiona o discurso racional e o processo da razão na sua demanda do uno do ser e da verdade» (TEIXEIRA, 2004, p. 169-170).

Podemos deste modo notar que a hermenêutica da literatura poética de António Braz Teixeira alicerça-se numa funda razão filosófica e desta e com esta parte para a literatura, procurando por aí confluir mundos ou pôr em diálogo os universos do pensamento e do dizer poético. Aliás, o próprio hermeneuta analoga a sua tarefa de interpretação do universo poético lusófono, nomeadamente o angolano, mas extensivamente se pode dizer também o cabo-verdiano e o moçambicano, com a do Pascoaes dos *Poetas Lusíadas* (TEIXEIRA, 2004, p. 160). A convicção de que na poesia pode estar a filosofia e de que a filosofia sustenta um diálogo inexaurível com a poesia evoca o ponto central de que um *logos* unitivo preside à especulação e ao sentimento. A visão da saudade constitui-se nessa interrogação perene do hermeneuta sobre o ser e a verdade, que ele procura de forma diligente traduzir racionalmente, evoluindo das intuições, das imagens e das metáforas para os conceitos. A tarefa de auscultar o texto poético e de recolocar a metáfora no horizonte da compreensão filosófica constitui o essencial da proposta hermenêutica de Braz Teixeira, mas traz como pressuposto que para compreendermos a natureza da filosofia não serve o ponto de partida inconcusso na razão pura.

A questão da natureza da filosofia, que está implicada na filosofia da saudade, a interpenetração da filosofia e da poesia, como característico do saber filosófico da saudade, a consideração hermenêutica da poesia para nela surpreender a vivência saudosa e revelar os seus íntimos nexos filosóficos, arrastam um problema de índole

metodológica. O problema metodológico foi formulado por António Braz Teixeira num texto de 2012, «Da possibilidade de pensar a saudade a partir da filosofia espanhola contemporânea» (TEIXEIRA, 2012c, p. 268-280), e pode considerar-se o primeiro de três problemas fundamentais que a reflexão filosófica da saudade envolve, sendo o segundo um problema fenomenológico e o terceiro um problema metafísico (TEIXEIRA, 2012c, p. 270).

Quanto ao primeiro, trata-se de saber quais os processos ou vias mais adequadas para a compreensão filosófica da saudade (TEIXEIRA, 2012c, p. 270). Em concordância com o que acima se disse, de que não é possível excluir o sentimento da filosofia, não só há que dar por assente que o sentimento pode constituir um ponto de partida para a filosofia como mostrará o autor de *A Filosofia da Saudade* que qualquer análise da saudade tem de partir necessariamente da sua «consideração como fenómeno sentimental específico, complexo e ambivalente, que une ou engloba em si a memória e a vontade, visto serem seus elementos essenciais a lembrança e o desejo» (TEIXEIRA, 2012c, p. 270). Braz Teixeira lembra aqui um tópico capital da tradição filosófica da saudade, apontando para a memória e a lembrança e para a vontade e o desejo. Considera que tanto para a compreensão deste tópico quanto para a investigação do fenómeno sentimental da saudade só se pode aceder «através de um método ou processo fundado, não numa razão puramente analítica, mas que atenda às duartinas “razões do coração”» (TEIXEIRA, 2012c, p. 270).

Ao debruçar-se sobre o problema metodológico da filosofia da saudade, o que António Braz Teixeira surpreende como o que lhe é subjacente é a interrogação sobre a racionalidade da filosofia, de cuja resposta dependem a nossa conceção de filosofia e da razão sobre a qual esta se funda, razão que constitui sempre o melhor ponto de vista sobre a realidade. A filosofia da saudade funda-se numa *razão cordial* ou «“saber do coração”» (TEIXEIRA, 2012c, p. 272), saber desconhecido para a razão analítica e discursiva, de que vê uma fulguração na razão poética de Maria Zambrano (TEIXEIRA, 2012c, p. 272-275), que será também possível reconhecer em D. Duarte, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Afonso Botelho, Dalila Pereira da Costa, entre outros. Do mesmo modo que o afirma da razão poética de Zambrano, reconhecendo nela o fundamental do pensamento da filósofa espanhola, na razão cordial está «o núcleo essencial» (TEIXEIRA, 2012c, p. 272) da própria reflexão filosófica de António Braz Teixeira sobre a saudade e o pressuposto que naturalmente preside ao seu trabalho hermenêutico em filosofia e em poesia, ao mesmo tempo que é essa razão que forma a

«via própria de aproximação e decifração do mistério ontológico» (TEIXEIRA, 2012c, p. 272).

A sensibilidade de Braz Teixeira à razão cordial supõe, em última análise, que é ela que está subjacente à razão jurídica, pensada no *Breve Tratado da Razão Jurídica* (TEIXEIRA, 2012d), já que esta razão impõe-nos questões de natureza metafísica, ontológica, teodiceica, relacionadas com o mistério do ser, sendo em sua natureza estimativa ou axiológica, donde a ideia de que a sua concretização na esfera do juízo jurídico ou na consideração da justiça e sua aplicação faça apelo a elementos de índole não inteiramente racionais, volitivos, afetivos ou emotivos. Esta consideração do pensamento do jusfilósofo que é António Braz Teixeira não se destina aqui a ser prosseguida e vale apenas como indicação de que há unidade das suas preocupações filosóficas e de que o jurista-filósofo partilha perspetivas comuns com o filósofo hermeneuta da saudade.

Assim como em outros momentos da sua obra, ainda a de filosofia jurídica, reconhece António Braz Teixeira que o *logos* da razão filosófica subjaz a toda a experiência humana, donde as suas relações explícitas com a razão criacionista leonardina e um conceito alargado de experiência que não estanca apenas na ciência, mas que integra todos os outros níveis do viver humano, sendo também «condição de possibilidade de qualquer método» (TEIXEIRA, 2012c, p. 274). Interpretando as posições do nosso autor, parece-nos ser possível dizer que a razão cordial se apresenta como um ponto de vista superador da filosofia e da poesia, do pensamento e do sentimento, da razão e da intuição, conciliando ou pondo estas vertentes em relação dialógica. É por isso que, de acordo com uma lição de Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes, António Braz Teixeira muitas vezes defende o irracional como o outro da razão, não como o que lhe é contrário mas dela diverso, tal como também encontra em Miguel de Unamuno (TEIXEIRA, 2012c, p. 271), irracional «que, de certo modo, a alimenta e dinamiza, como a sensação, a intuição, a memória ou a imaginação» (TEIXEIRA, 2012c, p. 271).

Respondido que está o problema metodológico, encara António Braz Teixeira o segundo, o fenomenológico. Este, na filosofia da saudade, tem a ver com a investigação dos elementos constitutivos da experiência e da consciência saudosas e do sentimento saudoso (TEIXEIRA, 2012c, p. 270). Em *A Filosofia da Saudade* dedica-se a expor a doutrina dos que analisaram a consciência saudosa e contribuíram para a sua fenomenologia: Joaquim de Carvalho, Sílvio Lima, Eduardo Abranches de Soveral,

Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e João Ferreira. Avultam sobretudo os dois primeiros, notadamente pelo seu pioneirismo reflexivo.

Aqui cumpre sublinhar uma principal aporia quanto aos elementos constitutivos da consciência saudosa: se, tal como pretendeu Joaquim de Carvalho, cumpre saber se se limitam à subjetividade «ou eu pessoal, aos seres ou situações postas como já vividas e ao correlato do eu pessoal com tais seres ou situações, limitando-se, nesta medida, a um confronto entre a percepção actual e a evocação retrospectiva e não pretensa, ou se, pelo contrário, como sustentou Sílvio Lima, a saudade, implicando embora uma bidimensionalidade temporal — porque é uma atitude vivencial de inadaptação não resignada perante o presente — é, simultaneamente, retrotensa, intensa e protensa, pois, referindo-se ao passado, dirige-se a um objecto (é intencional) e procura voltar ao passado, apresentando, por isso, também uma face expectante ou esperançada» (TEIXEIRA, 2006, p. 16). A solução, por mais completa, a que António Braz Teixeira parece aderir é a de Sílvio Lima, que integra, aliás, Joaquim de Carvalho, superando-o, porém, por admitir o carácter retrotenso, intenso e protenso da saudade, reconhecendo-a na sua fisionomia de expetição, o que introduz uma dimensão muito cara à saudade, já de possibilidades metafísicas, a esperança, e que António Braz Teixeira sublinhará como uma das características fundamentais do sentimento saudoso, a par da lembrança ou memória. Acrescente-se aqui que, ao que penso, é a introdução da dimensão da esperança que transforma a memória em memória inventiva ou criadora, tão ao gosto do criacionismo, e sobre que António Braz Teixeira muito insiste como característica das notas futurantes da saudade, isto é, como o que pode permitir uma saudade criadora aberta sobre as dimensões do futuro.

Considerando, agora, o terceiro e último dos problemas, o metafísico, é a sua aporética que será explorada em *A Filosofia da Saudade* nos seguintes autores: Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, António Dias de Magalhães, José Marinho, Afonso Botelho, Dalila Pereira da Costa, Pinharanda Gomes, Manuel Cândido Pimentel, Paulo Borges e António Cândido Franco.

O pensador de *Deus, o Mal e a Saudade* atende às seguintes primeiras aporias: se a saudade é «acontecimento exclusivamente humano ou nos animais e na Natureza haverá algo equivalente à saudade, se bem que de forma rudimentar» (TEIXEIRA, 2006, p. 17); se «Pode Deus sentir saudade das criaturas, sendo a Criação fruto de um impulso saudoso ou, porque é acto puro, presença eterna, nunca dela poderia ser sujeito» (TEIXEIRA, 2006, p. 17). No que respeita à primeira das aporias, uma reposta

pode ser dada no recurso a Teixeira de Pascoaes na sequência da doutrina da cisão em Deus de Sampaio Bruno, na ideia de algo que permanece nos seres e na matéria como desejo de regresso. Quanto à segunda, se o ser divino «for o Ser caído ou diminuído de Bruno e Pascoaes, ou se se admitir a cisão divina que José Marinho teorizou», a saudade poderá surgir como «elemento dinamizador essencial da vida divina e factor decisivo do regresso à plenitude originária e da redenção ou reintegração do próprio Deus» (TEIXEIRA, 2006, p. 17). Outros autores assumem uma posição negativa quanto à saudade em Deus, por exemplo João Ferreira e António Dias de Magalhães. De modo geral, assim acontece com os filósofos que pensam a saudade como sentimento da deficiência do homem e só numa teoria que considerasse a saudade como sentimento da eficiência seria possível pensá-la em Deus. Esta é, aliás, uma das questões cruciais metafísicas a que António Braz Teixeira está atento na hermenêutica que faz dos autores.

Ainda no quadro do problema metafísico da saudade, o nosso filósofo-hermeneuta chama a atenção para a necessidade de se saber se «Tem ou não o sentimento saudoso um objecto» (TEIXEIRA, 2006, p. 17) e, se o tem, qual seja ele. Aqui os rumos podem ser múltiplos e os filósofos da saudade sucessivamente apontam para esse objeto «os entes queridos, desaparecidos ou ausentes, a terra distante, o passado individual já vivido ou através deles e neles, o próprio ser ou a plenitude do ser do homem ou no homem» (TEIXEIRA, 2006, p. 17). No caso do ser e da plenitude, a saudade pode «ser metafisicamente concebida como sentimento de ser pleno e perfeito no ser imperfeito, como sentimento de privação de uma perfeição perdida ou devida» (TEIXEIRA, 2006, p. 17), o que põe o interessante problema de saber que relação pode estabelecer-se entre a saudade e a ideia de queda ou cisão (TEIXEIRA, 2006, p. 17). Precisamente a este último problema se liga uma outra interrogação, «a que inquire sobre as subtis relações entre a saudade e o mal, já que ambos parecem ter na queda ou cisão a sua origem» (TEIXEIRA, 2006, p. 17), donde se segue que, «na sua radicalidade ontológica», a saudade, se é «da origem ou do Paraíso Perdido, daquela humana perfeição e felicidade anterior a haver mal e erro, é no mal da queda que a saudade vem a encontrar a sua razão de ser para o homem e para a Natureza» (TEIXEIRA, 2006, p. 17). Neste contexto se expressam o valor teodiceico da saudade e as apertações que possa trazer, não só ao problema do mal, mas aos da liberdade e da imortalidade pessoal (TEIXEIRA, 2006, p. 18).

Ao feixe de questões metafísicas devemos associar aquelas que respeitam às relações da saudade com o tempo e a que «têm sido dadas muitas diversas respostas, desde as que entendem que ela implica sempre um retornismo (Pascoaes) ou que envolve uma forma cíclica do tempo (António Telmo), até às que sustentam que, pelo contrário, ela significa a perceptibilidade do tempo humano imperfeito, pois é a sua transcensão ou anulação (Afonso Botelho e Dalila Pereira da Costa)» (TEIXEIRA, 2006, p. 18).

Segue-se ainda que a saudade implica também uma dimensão religativa, portanto, religiosa, suscitando o vetor que a aponta para o outro e para Deus e para o qual a meditação de António Braz Teixeira traz os contributos de Xavier Zubiri e o seu conceito de *religação*. De facto, o nosso hermeneuta considera que o conceito zubiriano pode ilustrar bem a «compreensão da dimensão metafísica da saudade» (TEIXEIRA, 2012c, p. 275), num aspeto, ao que parece, decisivo: ajudar «a compreender o movimento da saudade como algo que se dá na vida do homem no mundo e com os outros homens e as coisas, como sentimento ou vivência de privação, de ausência ou de perda, que se funde com a esperança, sentimento sustentado na intrínseca e essencial complementaridade entre a lembrança e o desejo, a memória e a esperança» (TEIXEIRA, 2012c, p. 276).

Sobretudo para a esperança considerou o atento hermeneuta do pensamento português e galego o possível contributo para a metafísica da saudade de Pedro Laín Entralgo, podendo inspirar-se o pensamento saudoso na contraposição que faz o pensador espanhol entre angústia e esperança, onde funda «a sua rica e fecunda teorização da espera e da esperança», o que «pode trazer valiosos elementos para a compreensão do fenómeno saudoso» (TEIXEIRA, 2012c, p. 277).

António Braz Teixeira não pensa, porém, que possa dilucidar-se convenientemente a saudade associando-se a meditação sobre a esperança, «enquanto elemento dinâmico e dinamizador do sentimento saudoso, à angústia, mas vendo nela o elemento, simultaneamente, contrapolar e complementar da lembrança ou da memória inventiva» (TEIXEIRA, 2012c, p. 277). O reparo crítico dirige-se sobretudo a alguns dos filósofos galegos, de quem considerou atentamente a obra em *A Filosofia da Saudade* (Ramón Cabanillas, Rafael Dieste, Ramón Otero Pedrayo, Ramón Piñeiro, Daniel Cortezón, Rof Carballo, Domingo Garcia Sabell e Andrés Torres Queiruga), empenhados em inspirar-se na filosofia alemã e, nomeadamente, em Heidegger.

Aliás, o citado texto «Da possibilidade de pensar a saudade a partir da filosofia espanhola contemporânea», que contém ainda uma pertinente meditação sobre o

conceito de *ilusión* de Julián Marías e sua possível fonte de inspiração para a filosofia da saudade, dirige-se exatamente aos pensadores galegos no sentido de mostrar-lhes ser possível a inspiração da filosofia da saudade em fontes próximas, culturalmente mais concordantes com a Galiza. Se este foi o objetivo de António Braz Teixeira, é, porém, tal texto crucial para quem queira conhecer mais de perto as posições próprias sobre a saudade do hermenauta da filosofia e da poesia da saudade, desiderato que fui seguindo até aqui.

Referências

- BOTELHO, A. e TEIXEIRA (1986), A. B., *Filosofia da Saudade*, seleção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda;
- TEIXEIRA, A. B. (1993a), António Dias de Magalhães, S. J., poeta-filósofo da saudade, in *Deus, o Mal e a Saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, pp. 141-151;
- TEIXEIRA, A. B. (1993b), Criacionismo e saudade no pensamento filosófico de Leonardo Coimbra, in *Deus, o Mal e a Saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, pp. 133-140;
- TEIXEIRA, A. B. (1993c), Introdução à filosofia da Saudade, in *Deus, o Mal e a Saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, pp. 117-132;
- TEIXEIRA, A. B. (2004), Expressão e sentido da saudade na poesia angolana, in *Cadernos Vianenses*, tomo 34 (20.01.2004), pp. 157-170 [texto de 2002] (incluído em *A Filosofia da Saudade*, pp. 159-171);
- TEIXEIRA, A. B. (2006), *A Filosofia da Saudade*, Lisboa, Quidnovi;
- TEIXEIRA, A. B. (2008), Expressão e sentido da saudade na poesia moçambicana contemporânea, in *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade: Em homenagem a Dalila Pereira da Costa*, coordenação de Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Afonso Rocha e Renato Epifânio, Sintra, Zéfiro, pp. 41-62
- TEIXEIRA, A. B. (2012a), A saudade na poesia da “Claridade”, in *Nova Águia*, n.º 9 (1.º semestre de 2012), pp. 164-167;
- TEIXEIRA, A. B. (2012b), Breve nota sobre a poesia de Rui de Noronha, in *Nova Águia*, n.º 14 (2.º semestre de 2012), p. 186;
- TEIXEIRA, A. B. (2012c), Da possibilidade de pensar a saudade a partir da filosofia espanhola contemporânea, in *Actas do IV Colóquio Luso-Galico sobre a Saudade*, coordenação de António Braz Teixeira, Arnaldo Pinho, Maria Celeste Natário e Renato Epifânio, Sintra, Zéfiro, pp. 268-280;
- TEIXEIRA, A. B. (2012d), *Breve Tratado da Razão Jurídica*, Lisboa, Zéfiro;
- TEIXEIRA, A. B. (2015), A saudade na poesia de Rui Knopfli, in *Nova Águia*, n.º 16 (2.º semestre de 2015), pp. 201-206;
- TEIXEIRA, A. B. (2017), Expressão e sentido da saudade na poesia angolana e moçambicana da geração de 1985, in *Nova Águia*, n.º 22 (2.º semestre de 2018), pp. 220-224.

